

FÁBRICA DE
MISSIONÁRIOS

RUBEM AMORESE

FÁBRICA DE MISSIONÁRIOS

Nem leigos, nem santos



Editora Ultimato
Viçosa, MG

FÁBRICA DE MISSIONÁRIOS
Categoria: Vida Cristã / Missões / Liderança

Copyright © 2008, Rubem Martins Amorese
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Novembro de 2008
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Capa: Souto Crescimento de Marca

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

A524f Amorese, Rubem, 1951-
2008 Fábrica de missionários : nem leigos, nem santos /
Rubem Amorese. – Viçosa, MG : Ultimato, 2008.
136p. ; 21cm.
ISBN 978-85-7779-025-8

1. Missionários - Vocação. I. Título.

CDD. 22.ed. 266

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

*Mas recebereis poder, ao descer sobre vós
o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas
tanto em JERUSALÉM como em toda a Judéia
e Samaria e até aos confins da terra.*

– ATOS 1.8

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
1. Quem tem medo de missionário?	17
2. Ide por todo o mundo	31
3. O cerne da cebola	35
4. O chamado de um missionário	47
5. O ministério da reconciliação	61
6. Páscoa em Jerusalém	75
7. Missão e comunicação	89
8. A favor deles	103
9. O conhecimento de Deus	109
10. Estratégias missionárias	117
11. O cavalinho de pano	131

PREFÁCIO

EXISTEM DUAS PALAVRAS que o diabo gosta muito de usar na igreja: *leigo* e *missionário*. As duas criam uma limitação bem ao gosto dele. A primeira desqualifica a grande maioria dos cristãos, colocando-os numa categoria de meros coadjuvantes na tarefa missionária da igreja. A segunda qualifica uma pequena minoria como sendo os únicos sobre quem pesa a responsabilidade de realizar esta tarefa. Com estas duas palavras, o diabo conseguiu nocautear e colocar fora de combate a maioria dos cristãos.

É curioso notar que a palavra *missão* aparece apenas duas vezes no Novo Testamento. A primeira em Atos 12.25, referindo-se ao retorno de Paulo e Barnabé a Jerusalém após uma viagem missionária para a qual eles haviam sido enviados. A segunda aparece em 1 Timóteo 2.25, referindo-se à maternidade, à missão que Deus confiou às mães de participarem da criação, dando à luz filhos. Estas duas ocasiões distintas em que a palavra “missão” aparece no Novo Testamento nos ajudam a reconhecer que missão não é apenas o que Paulo e Barnabé fizeram em sua viagem, mas também o que as mães fazem quando geram e educam seus filhos. É sobre isto que este livro trata.

Fábrica de Missionários é um esforço de banir do nosso vocabulário a palavra *leigo* e dar uma compreensão mais abrangente e bíblica à palavra *missionário*. O apóstolo Paulo em suas viagens não foi mais missionário do que uma mãe ao dar à luz filhos e se dedicar (junto com o pai, é claro) a educá-los. Isto nos ajuda a entender que o chamado de Cristo para segui-lo é um chamado para a missão e envolve todos os cristãos, em tudo aquilo que fazem, independentemente se são chamados para irem a uma região distante plantar uma igreja, para exercerem uma função numa repartição pública ou para realizarem a importante tarefa de serem pais. A verdade que Rubem Amorese procura abordar é bastante simples e desafiadora: se fôssemos tão consagrados e responsáveis em nossas atividades locais, comunitárias, profissionais ou familiares como os missionários que vão para outros países ou etnias, teríamos uma “Jerusalém” forte e comprometida. Nossas igrejas locais e famílias se transformariam numa “fábrica de missionários”.

Os missionários que vão para outros países têm uma forte convicção de chamado; os que ficam não têm convicção alguma de chamado. Aqueles se preparam para isso e consagram suas vidas a essa missão; estes tocam a vida sem nenhuma preocupação com o preparo e a consagração. Enquanto os que vão se ocupam o tempo todo com sua missão, prestam relatórios e envolvem suas igrejas, os que ficam só se ocupam com alguma “missão” nos finais de semana, são “leigos”, não reconhecem seu ambiente profissional ou familiar como lugar de missão.

É por isto que o diabo gosta das palavras *leigo* e *missionário*; elas excluem grande parte dos cristãos da missão. Mães e

pais não reconhecem que a maternidade e a paternidade são uma missão. Aliás, muitos hoje olham para os filhos como um transtorno. Alguns optam por não tê-los, e os que os têm delegam a missão de educá-los à escola ou até mesmo a um terapeuta (quando nem a escola consegue mais orientá-los), porque para muitos pais a “missão” de ganhar dinheiro ou de lutar pelo sucesso é mais importante. Profissionais não reconhecem que o exercício de suas profissões e o ambiente em que atuam são meios de Deus realizar sua missão no mundo. Estudantes passam grande parte de suas vidas em escolas e universidades sem reconhecer a necessidade de se prepararem para um rico e vasto campo missionário. Pensamos assim porque, afinal, somos leigos, e não missionários; estamos em “Jerusalém”, e não em Myanmar.

A missão sempre começa em “Jerusalém”, em casa, na comunidade local. Não se trata apenas de projetos missionários em que alguns poucos se envolvem, mas de uma consciência missionária para a qual todos são chamados. Abraham Kuyper, cristão holandês que viveu na virada do século 19 para o século 20, foi pastor, jornalista, político e professor. Como jornalista, fundou um jornal e escreveu inúmeros artigos. Como primeiro ministro, criou a Universidade Livre de Amsterdã e revolucionou o sistema educacional da Holanda. Em todas as áreas em que atuou, fosse como político ou como pastor de uma igreja local, mantinha a mesma consciência de vocação. Ele dizia que todos os dias acordava, olhava para uma cruz que tinha na cabeceira de sua cama, e era como se Deus dissesse a ele que tudo em sua vida pertencia a ele. Ele consagrou sua vida e a dedicou a fazer de “Jerusalém” seu campo missionário.

Neste livro você encontrará um novo desafio missionário, em que missionário não são apenas os outros que enviamos para um país distante, é você; e o campo são todos os lugares e oportunidades de realizar alguma coisa para o reino de Deus. Pensando e agindo assim, sua família e igreja se transformarão numa fábrica de missionários, cujas obras brilharão em todos os cantos da terra, e a glória de Deus será vista por todos os homens.

RICARDO BARBOSA

INTRODUÇÃO

QUANDO EU ERA menino, no Rio de Janeiro, minha escola promoveu uma excursão à fábrica da Kibon. Foi uma delícia, em todos os sentidos. Além de conhecer de perto o processo de fabricação de sorvetes, envolvendo ênfases sobre higiene, automação, políticas de sabores, longevidade dos produtos etc., podíamos experimentar quantos sabores quiséssemos durante a visita. Hoje entendo e valorizo essa estratégia de relações públicas, adotada por muitas fábricas e instituições em todo o mundo. E o resultado é que estou falando do assunto, cinqüenta anos depois. Ainda hoje, minhas comemorações pessoais envolvem o velho Eski-bon.

Essa idéia da visita à fábrica para conhecer o produto em detalhe, com efeitos colaterais afetivos, ressurge, agora, ao nos propormos refletir sobre o ministério da reconciliação. A propósito, acabo de indicar a grande moldura desta reflexão. Sim, nossa missão nos faz, além de missionários, ministros.

O componente emocional da proposta deste livro pode ter passado despercebido. Falei de passagem. Mas quando falo de *efeitos colaterais afetivos*, estou resgatando um dos objetivos da estratégia de relações públicas “visita à fábrica”. De fato, não há como abordar esse tema apenas com a razão, porque estaremos falando de nossas vidas. Este

assunto é como futebol: todo mundo o conhece um pouco. Cada um pode lembrar experiências boas ou negativas. E o elemento afetivo faz com que essas impressões perdurem por toda a vida do crente, seja para motivá-lo a debruçar-se sobre o tema, seja para afastá-lo.

Considero-me uma pessoa razoavelmente bem resolvida. Talvez mais pela idade, que nos obriga às sínteses. No entanto, do ponto de vista de “missões”, tenho sido um crente mal-resolvido, cheio de ambigüidades e questões sem resposta. Sem falar nas simpatias, antipatias e, confesso, discordâncias sem justificativa plausível, provavelmente, de origem emocional. Efeitos colaterais afetivos de conflitos antigos. Porém decidi revisitar esses fantasmas de minha história, na busca de mais uma síntese existencial. E faço isso por meio de uma “visita à fábrica de missionários”. O relato que se segue é roteiro dessa visita. Mais que isso, é um convite para que você venha comigo, enquanto descrevo minha caminhada em busca de alguma coerência pessoal sobre o tema.

Não se assuste, leitor, se não encontrar em mim um sábio mestre a guiá-lo por caminhos seguros. Vale adverti-lo que não será assim. Na verdade, não pretendo esconder os problemas oriundos de minhas próprias dúvidas e ambigüidades. Aceite, então, as reflexões que se seguem como *confissões*. Se você, eventualmente, “se encontrar” em algumas delas, quem sabe também se disporá a caminhar uma milha a mais, e será abençoado por isso.

É por causa da proposta confessional que este texto resultará enxuto. Ele está mais para um conjunto de pequenos sermões do que para aulas elaboradas; mais para reflexões sintéticas do que para explicações analíticas.

O propósito de ensinar fica acanhado, aqui, diante da esperança de poder inspirar reflexões, auto-análises e conclusões pessoais.

Procuo dar consistência a essa proposta confessional fazendo o texto gravitar em torno de algumas imagens – talvez, parábolas. A primeira, além da própria *visita à fábrica* de missionários, é a *parábola da cebola*, que diz respeito a um modo de ir ao cerne de uma questão, retirando camada após camada. Mas você sabe, descascar cebolas é uma tarefa lacrimejante. A segunda é a *parábola do culto da fogueira*, aquele culto que normalmente acontece em acampamentos, com direito a apelos e consagrações; uma experiência difícil e conflituosa para mim. A terceira é a *parábola do veterinário*, minha imagem da encarnação: aquele doutor especial, com o qual sonhei na infância, capaz de compreender e curar as dores dos animais sem necessidade de grandes explicações. Animais não falam. A quarta e última é a *parábola da ordem sacerdotal do lava-pés*, uma forma de descrever um “ide” especial, solene, com unção e consagração.

Em torno dessas imagens, construiremos a caminhada que agora iniciamos.

Minha oração é que as reflexões-confissões que se seguem nos ajudem a “resolver” algumas dessas pendências existenciais associadas ao mandato missionário de todo discípulo de Cristo.

RUBEM AMORESE

1.

QUEM TEM MEDO DE MISSIONÁRIO?

CLÁUDIA KERN tem sido nossa missionária na Ásia. Ela vem a Brasília, de tempos em tempos, para passar um tempo com a família. E aproveitamos para lhe pedir que fale à igreja sobre suas experiências. São muitas histórias, slides, fotografias, orações, ofertas etc. E o resultado é que ela nos “humilha” a todos com seus relatos e testemunhos. É claro que ela não tem essa intenção. Porém percebo que é um tempo em que vivemos incômodas contradições.

Isso sempre acontece quando temos a visita de um missionário. Por um lado, a igreja sente-se gratificada por participar dessas vocações, por “investir em missões”. Por outro, sente-se humilhada pelo brilho do testemunho do seu missionário, como que a sugerir que todos deveriam ter uma vida assim: corajosa, fervorosa, ousada na oração e na evangelização, em tudo dependente do Senhor, e integralmente disponível para os outros.

Então, fico a pensar: talvez Deus esteja a nos exortar, por meio desses visitantes, a buscarmos uma vida mais piedosa. Talvez não compreendamos que também nós

somos missionários, se é que o somos. Talvez nos falte a consciência do inalienável ministério da reconciliação, seja porque não o exerçamos, para nossa vergonha, seja porque não o tenhamos claro na vida da igreja.

Parece-me que se nós, os de casa, também somos missionários, falta-nos algo do que a Cláudia teve. Algo que torne a nossa situação mais clara e definida – sem, no entanto, que tenhamos que nos mudar para o outro lado do mundo. Se estamos em falta, vivendo vidas letárgicas, acomodadas, precisamos dessa consciência. Se não, então por que esse sentimento de desconforto? Será uma “denúncia vazia” do inimigo?

Esses pensamentos me levaram a considerar minha própria história em relação ao chamado missionário. Gostaria de contá-la, resumidamente, mais à frente. Por enquanto, compartilho o pensamento de que muitos de nós não tivemos o famoso “culto da fogueira”, com o inevitável chamado missionário. No caso, com um chamado específico para “*intromissão*”. Não fomos formalmente enviados aos nossos campos missionários; aos nossos lares, à vizinhança, à escola, ao trabalho. De fato, poucas igrejas elaboram estratégias eclesiais de apoio a esse tipo de missão; poucas impõem as mãos sobre um casal de jovens que pensam em se casar ou, mais tarde, quando apresentam seu filhinho à igreja, mostrando-lhes que estão sendo enviados para uma missão da mais alta importância. O batismo infantil, onde é adotado, traz, sim, esse componente de compromisso dos pais. Em muitos casos a cerimônia é *quase* um comissionamento.¹ Porém até onde tenho visto, não se chega à explicitação de uma *missão* dos pais junto aos filhos. Talvez, apenas, por falta desse elemento de investidura missionária, desse “*ide*” a este filho e *fazei-o discípulo*.

Pode ser, leitor, que sua experiência seja diferente, que sua igreja faça essas coisas, consciente e rotineiramente. Graças a Deus! Mas por onde tenho passado, percebo que não temos tido a visão mais importante da missão, aquela que atinge o nervo do dente. O resultado, só para adiantar um exemplo estratégico, é que não fica claro a muitos de nossos jovens que um casamento “fora de sua missão de vida”, seja com um descrente (casamento misto), seja com um cristão que tenha outros projetos, poderá prejudicar todos os seus planos missionários.

Um cônjuge, sejamos justos, poderá não se perceber na obrigação de acompanhar o outro nessa missão, pois esta não terá sido discutida, nem classificada como fundamental, durante o namoro. Nas orações, nas vigílias, nas frustrações, na pregação da palavra, na vida simples, nos valores do reino, na educação dos filhos, nas opções de lazer, no uso do tempo livre da família e em tantas outras áreas ele poderá ter anseios e interesses diferentes. Talvez nem tenha condições para acompanhar o cônjuge em suas atividades, dependendo de suas relações com Deus, pois estas serão prioridades de um reino ao qual ele talvez nem pertença. Se não for pelo Espírito, certamente, não compartilhará esse chamado.

Isso nos leva a perceber que, muitas vezes, ficamos na superfície do problema, discutindo se esse casamento será “jugo desigual” ou não e o que isso significa.

Muitas vezes, o cenário torna-se ainda mais confuso, quando o cônjuge descrente se revela melhor pessoa que o crente. Não é incomum, por puro sectarismo, elegermos o crente como “a parte boa” dessa relação desigual (em termos de missão de vida) e o descrente como peso morto

a ser carregado. Tudo porque não houve um pensamento estratégico de chamado missionário para os jovens da igreja, ou porque esse chamado não foi seriamente considerado na escolha de um companheiro de vida.

Claro, não se deve desconsiderar as escolhas equivocadas, mesmo diante de caminhos claros. Todos erramos, nem sempre por ignorância. Convenhamos que é difícil para um jovem optar pela cruz, contra o próprio coração. Mas também é bom encerrar esse pensamento com um chamado universal: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34).

Então, damo-nos conta de que essas decisões tão comezinhas requerem o poder de um gigante. Poder para fincar as próprias estacas no terreno de nossas vidas e não ultrapassá-las; poder para domar nossas próprias vontades; poder para colocar o Senhor à frente de nosso coração, sabendo que é enganoso. Poder para dizer “não” aos atalhos da vida.

Costumamos pedir poder de Deus para nossos missionários. Imaginamos suas dificuldades em um país estrangeiro, em uma cultura diferente, com uma língua diferente. Com grande sentimento de urgência, pedimos a Deus que derrame poder sobre eles. Mas normalmente esquecemos de nos perguntar: por que não pedimos o mesmo poder sobre nós? Será que precisamos de menos poder, por exemplo, para escolher um cônjuge, considerando nossa visão missionária? Poder para desprezar um rosto bonito, em favor de companheirismo e de propósitos harmoniosos? Ou poder para esperar por anos, enquanto esse alguém não aparece, correndo o risco de viver o resto da vida em celibato, imposto pela falta de alguém com o mesmo chamado?

Quanto poder é necessário para que eu seja um bom pai, um bom marido ou um bom filho e assim testemunhar a salvação que há em Cristo? Menos do que aquele de que um missionário transcultural precisa? Quanto poder é necessário para me fazer servir com alegria aos meus irmãos, no cotidiano, simplesmente sendo prestativo, em vez de imprestável? Quanto poder é necessário para me fazer largar o jornal e dar atenção ao meu filho? Quanto poder é necessário para que eu o discipline na admoestação do Senhor, com toda a serenidade, mansidão e firmeza, depois de um dia pesado no trabalho? Para que eu lhe transmita o amor implícito nessa disciplina? Quanto poder é necessário para que eu me interesse pelo meu colega de trabalho a ponto de desejar vê-lo salvo? A ponto de orar por ele diariamente, suplicando a Deus as oportunidades de serviço e testemunho que o levem à compreensão do evangelho?

Sim, estou falando de poder para *ser*. Na verdade, eu preferiria usar a palavra *graça*. Mas não quero deixar dúvidas sobre a origem dessa graça milagrosa. Por isso tenho insistido no poder prometido em Atos 1.8: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas...” Poder para testemunhar, com nossas vidas, que há salvação no evangelho para todo o que crê; para redenção e transformação de vidas. Seja do judeu, de dentro da igreja, seja do grego, de fora, sem distinção (Rm 1.15-16).

Permita-me insistir um pouco mais nesses pensamentos introdutórios. Por que pensamos que esse poder é dosado a conta-gotas? E que só missionários em terras distantes têm direito a ele? E por que só as suas tarefas precisam de unção carismática? Será que isso tem a ver com a distância em que

eles se encontram? Será que quanto mais longe estiverem mais de Deus terão necessidade? Será por isso que nos acostumamos a usar o plural “missões” como sinônimo de distância e pouco usamos o singular “missão”, que denota tarefa a cumprir, chamado, função e ministério?

Bem, resolvemos pensar melhor sobre o assunto. Propusemo-nos a “descascar a cebola” do mandato missionário. Esta é uma metáfora que criei para a tarefa deste livro. Aquele processo (normalmente em meio a lágrimas) pelo qual vamos tirando cada camada da cebola para saber o que existe no seu cerne. Em outras palavras, descascar a cebola missionária é se perguntar: afinal, como nascem os missionários? De onde vêm? Para onde vão? O que fazem? E por que fazem o que fazem?

Como resultado dessa reflexão, talvez entendamos melhor a razão por que já não enviamos mais nossos filhos para longe. Enviamos apenas os filhos dos outros, que nem sabemos como foram criados, e lhes recomendamos que, lá, ensinem “todo o conselho de Deus”.

O problema é que, para isso, temos de confiar numa instrução acadêmica que venha a suprir as lacunas deixadas pela formação doméstica que lhes demos, aquela poderosa formação proveniente da pedagogia do exemplo. Esperamos que os seus mestres de missões lhes dêem o que não soubemos dar quando eram crianças. E queremos acreditar que, ao final de seu curso preparatório, saberão, pelo poder mágico de Pentecostes, construir famílias ou igrejas. Famílias de Deus (Ef 2.27), famílias como aquelas que gostaríamos de lhes ter oferecido, mas pelas quais não empenhamos nossas almas em oração. Talvez porque não soubéssemos que isso era tão importante.

Eis o nosso tema: “missão Jerusalém”. Por que Jerusalém? Leiamos nosso texto áureo:

Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra (At 1.8).

Aí está: o primeiro campo missionário citado por Jesus, para a igreja que se formaria com o Pentecoste, seria Jerusalém, onde os discípulos deveriam aguardar o Espírito prometido. Não me parece inadequado pensar que Jerusalém seja o lugar onde já estamos e que a Judéia seja nossas circunvizinhanças, seguindo-se cidades próximas, longínquas e, certamente, os povos indígenas e as terras longínquas.

Uma confissão necessária: não saberíamos falar de forma prática sobre missões transculturais. Nossa vivência nessa área é acadêmica. Estamos entre aqueles mestres que recebem os irmãos com chamado missionário para formação transcultural. De vivência prática, talvez tragamos uma limitada bagagem na seara da missão urbana. Deixamos, portanto, a tarefa de ensinar com autoridade sobre o tema para aqueles que têm palmilhado esses caminhos. Nosso desejo é olhar mais atentamente para “Jerusalém”. E examiná-la, com olhar missionário, sempre pensando em como essa abordagem se integrará ao conhecimento e às estratégias existentes para a Judéia, Samaria e os confins da terra.

A esperança que nos move é que o foco sobre Jerusalém venha a contribuir com o entendimento do todo. Este texto não é, portanto, uma crítica a “missões”. Não pretendemos produzir comparações ou escolhas entre o próximo e o distante. Muito menos fazer críticas à pesquisa e ao ensino

de “missões”. Não existe o cerne da cebola sem as demais camadas. Estamos preocupados, apenas isto, em olhar para perto.

A fábrica de missionários

Se a fábrica de brinquedos do Papai Noel fica no pólo norte, a fábrica de missões fica em Jerusalém. Se do pólo norte vem o Papai Noel, de Jerusalém vêm os missionários. Consideremos Jerusalém como a cidade onde vivemos. Feito isso, proponho que comecemos pelo começo.

Era Natal, e eu havia adormecido enquanto assistia a um daqueles filmes da *Disney* sobre Papai Noel. Com direito a pólo norte, duendes e renas, misturados ao gostinho de nozes, avelãs, *chester* e farofa com passas. Nesses filmes, os meninos visitam a fábrica de brinquedos do Papai Noel, em meio a muitas aventuras. Lembrei-me da visita que fizera à fábrica de sorvetes, quando era menino. E surgiu, dessa mistura, a idéia de uma visita à fábrica de missionários, para conhecer seus processos mais básicos. Talvez, até, para saber se existem motivos reais para nossas depressões, ao ouvirmos os relatos de nossos missionários entre os índios ou em terras distantes.

Pois bem, o que é uma fábrica de missionários? Quais são os seus processos básicos? O que ela produz? Gostaria de responder a essas questões de forma um tanto autobiográfica. Daí suas limitações. Mas, ainda assim, pode ser uma visita à fábrica.

Minhas lembranças mais longínquas em relação ao assunto vêm de minha infância. Tinha que ficar quietinho no templo, junto com os adultos, para “apreciar” complicados

relatórios financeiros sobre missões. Especialmente no mês de outubro, eu vendia jornais e revistas velhas, a fim de colaborar com as campanhas para angariar fundos para a obra missionária da igreja. Era uma participação de fé, uma vez que nunca vi esse ente misterioso que chamavam de missionário. A imagem que eu tinha era a de um santo; alguém que não aparecia nunca porque estava acima de minha capacidade de percebê-lo. Como um fantasma santo, que jogava no time da igreja.

O culto da fogueira

Depois disso, o assunto se tornou mais pessoal na juventude, por causa de um certo culto de acampamento. Normalmente, acontecia na última noite do encontro. O famoso “culto da fogueira”. Para mim, era o temido culto da fogueira. Eu não gostava daquele culto. Não sabia dizer bem por quê. Mas, se pudesse, gazeteava. Muitas vezes, para estar entre os amigos, acabava indo. Ficava de longe. Se precisasse correr e sumir na escuridão, não pensava duas vezes.

Era um culto apelativo. Não somente no sentido dos apelos, mas também porque eu achava que se exagerava no componente emocional. Sempre havia gente chorando por todo lado. E chegava a hora terrível, em que o palestrante convocava-nos a chegar à frente e nos oferecer para “ir”. Todos cantavam, baixinho, algo assim: “Eu irei, Senhor/ Te obederei/ Quero falar, quero orar/ Eu irei, Senhor”. Era minha deixa para sumir na escuridão, mesmo correndo o risco de ser picado por cobra.

Hoje eu olho para trás e percebo o quanto perdi com essas fugas. Minhas resistências me deixaram à margem de

muitas bênçãos. Muitos votos, muitas decisões, muitas estruturas de vida ricochetearam em minha armadura e não chegaram ao meu coração. Muito do que minha caminhada poderia ter sido, em face dessas decisões, se perdeu, como se meu copo estivesse virado para baixo, não captando a chuva que caía. É claro que falo do ponto de vista humano. O de Deus é outro. Ele sabe.

O que posso lembrar dos meus motivos, naqueles conturbados tempos adolescentes, além de todas as crises características da idade, era uma séria reserva sobre quem falava e sobre o teor do apelo feito na fogueira. Eu dizia a mim mesmo que não cairia naquela lábia.

O fato é que, por ser, na maioria das vezes, um estrangeiro a falar, fosse com terrível sotaque, fosse com tradutor, tudo ficava um pouco distante – para não dizer suspeito. A identificação da autoridade e da legitimidade do apelo me era difícil, por causa de meu espírito excessivamente crítico. Era-me difícil considerá-lo como um dos nossos, ao mesmo tempo em que era preciso reconhecer a autoridade do exemplo. Afinal, ele era, sem dúvida, alguém que havia atendido ao chamado que, naquele momento, estava reproduzindo. Mas era um *gringo*. E quando não era um estrangeiro, era um equipante. Em minha cabeça, um doutrinado, “cabeça feita”. Dava no mesmo, para quem tinha reservas emocionais, como eu – confesso, exageradas.

Mas havia o conteúdo objetivo daqueles sermões. Os apelos eram sempre extremos. Entrega total. Alguns chegavam a mencionar que eu nem voltaria para casa, “se Deus assim pedisse”. E que deveria atender àquele chamado pela fé. Sairia dali para servi-lo.

No entanto, eu temia entregar minha vida nas mãos de gente que eu não conhecia bem. Ou melhor, de gente em quem eu não confiava (hoje penso que não confiava tanto nem em Deus). Não por essas pessoas terem dado algum motivo, mas porque me chegavam histórias, contadas a boca pequena, sobre o sofrimento de seminaristas e missionários em seu tempo de preparação. Jovens crédulos que penavam na mão de professores tiranos, sob a justificativa de estarem sendo preparados para o pior. Eu desenvolvera uma péssima imagem dos seminários, institutos bíblicos e centros de missões. Certamente, muito dessa aversão vinha do meu próprio coração resistente.

Como se não bastasse, o apelo, ao crepitar do fogo, era para eu me comprometer, pela fé, a ir aonde Deus me enviasse. E, sendo um *gringo* a falar, ilustrando com sua própria experiência transcultural, eu estava certo de que seria enviado a um país distante. A África sempre rondava meus pesadelos ligados ao assunto. Nesses cultos nunca se falou em missões urbanas. Esse campo missionário mais próximo só era mencionado nos apelos por conversão ou consagração. Nesses casos, sim, falava-se em família, escola, igreja e trabalho.

Dessa forma, Isaías sempre me enviaria para além-mar: “Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6.8) – à África. E o apelo encontrava um coração em crise. Desconfiado. Por um lado, vejo-o, hoje, como um coração que não brincava com as coisas de Deus. Queria-as certas e honestas. Até para admitir que não cria o suficiente em sua providência, a ponto de entregar a ele o controle de tudo. Porque um sim seria sim; um não seria

não mesmo. Na falta de clareza, a resposta era outra: o mato escuro.

Não era, portanto, o caso de simplesmente deixar o gringo falar enquanto planejava a próxima bagunça no quarto. Eu não sabia fazer isso. Entendia a seriedade daquele momento. Talvez por isso me angustiassem tanto as contradições existentes no meu coração em relação àqueles apelos extremados.

Considero, hoje, a possibilidade de estar aqui descrevendo um coração de pequena fé em Deus, a transferir a homens e situações sua incredulidade. Pode ser. Mas sei que decisões sobre minha missão no reino de Deus, que poderia ter tomado na juventude, só as encarei muito mais tarde. Muito tempo foi perdido, penso cá com meus botões. Muitos planos foram postergados, e já não poderiam ser feitos com a vida definida, em termos de trabalho, família e igreja.

Estou convencido de que o tema da *missão pessoal* é para qualquer idade. No entanto, é conhecimento comum, inclusive do mundo, que “missões impossíveis” são melhor encaradas pelos jovens. O desafio os fascina, em seu vigor e idealismo. Com o mesmo desassombro com que planejam conquistar o mundo, aceitariam fazê-lo para Cristo. É por essa razão que lamento meus atrasos nessa área. E escrevo essas reflexões pessoais pensando nos jovens que as lerão. Talvez, também, em seus pais e líderes.

Encerro essa introdução com uma pergunta: terei sido eu o único a sentir desconforto com um discurso do tipo “samba de uma nota só”? Tivessem aquelas mensagens chegado ao meu coração de forma mais ampla, mais bíblica, talvez eu não tivesse caminhado pelo acostamento dessa

estrada por tanto tempo. Não precisa ser assim, se houver alguma verdade no que estou dizendo. Podemos aprender com essas experiências (e outras tantas que podem estar lhe ocorrendo) e mudar o que precisa ser mudado. Em que direção? Bem, prossigamos. Começo refletindo sobre o temível “ide por todo o mundo”. Minha deixa para abandonar a reunião.